

HUMBERTO WERNECK



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
VANESSA BARBARA

TERÇA-FEIRA
HUMBERTO WERNECK

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUOM

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTO

DOMINGO
VERISSIMO
FÁBIO PORCHAT

Zona de conforto

Nada mais interessante neste mundo do que essa espécie que o Sebastião Salgado, em sua florida fala messiânica, deu de chamar de “bicho-homem”. Nela incluído, claro, o bicho-mulher – mas ficamos hoje com o primeiro, dada a insistência com que ele, nos últimos dias, veio bater na porta eletrônica deste bicho-cronista. O motivo foi ter eu contado, em semanas consecutivas, histórias de duas cafetinas, a Suzana Castera e a Olímpia Vasques Garcia, senhoras de boa e má fama que em outros tempos proporcionaram saciedade sensorial a bichos-homens nas praças do Rio e Belo Horizonte.

Em tom nostálgico-testosterônico, leitores maduros deploraram o desaparecimento, ou pelo menos a rarefação, da categoria profissional em que se distinguiram a Suzana e a Olímpia. Onde estão, clamou um deles, as ar-

quitas e os arquiteiros de antanho? Paulistanos rodados sacaram recordações do La Licorne, da Laura Garcia e de Hercílio Paiva, o Gravatinha, na rua Major Sertório, um desses mocós onde diversão e pecado vêm a ser a mesma coisa. Entre incontáveis celebridades, por lá teria passado, no auge do poder, o secretário de Estado americano Henry Kissinger, não sendo impossível que tenha coincidido no escurinho com o delegado Sérgio Fleury, pois consta que o açougueiro-mor do regime militar ali batia ponto – ninguém é de ferro – entre sessões de pau de arara e choque elétrico.

O piloto Nikki Lauda fez pit stop sexual no La Licorne, tanto quanto, com sua tez envernizada e dentes de mentex, o cantor Julio Iglesias. E também, pasme, a despeito do sobrenome clerical e de seu democratismo cristão, o presidente chileno Eduardo Frei. Versões delirantes dão conta de que na cozinha

da boate da Laura e do Gravatinha teria nascido o Steak à Diana, batizado em homenagem a uma cantora. No La Licorne, informa um veterano, servia-se carne de veado – só no prato, supunho.

Cavaleiros não necessariamente paulistas evocaram a Eny Cezarino, dona de mitológico prostíbulo em Bauru, vicejante sobretudo nas décadas de 1960 e 70 – conforme se pode ler, aliás,

“Era mais fácil encontrar um senador no bordel em frente do que no plenário do Senado”

na biografia romanceada *Eny e o grande bordel brasileiro*, de Lucius de Mello, cuja nova edição, revista, ampliada e ilustrada, acaba de sair. O mais graduado dos frequentadores da Casa da Eny foi prova viva de que há políticos capazes de renunciar a tudo, inclusive à presi-

dência da República, mas não aos prazeres prodigalizados por suas eleitas.

A propósito de política, exatamente, do Rio de Janeiro me chegou a sugestão de que os vereadores cariocas mandem colocar placa no hall de entrada do Edifício São Borja, na Cinelândia, para perpetuar a memória do “Senadinho”, bordel que ali ferveu durante anos.

Senadinho, explica o leitor, porque em frente ficava o hoje demolido Palácio Monroe, sede, até a mudança da Capital, do Senado da República. “Era mais fácil”, cicia a víbora, “encontrar os senadores no Senadinho do que no plenário do Monroe...” Foram-se os Poderes para Brasília e, confinados desde então naquela cuia emborcada do Niemeyer, os membros da mais alta casa legislativa do País já não tiveram, assim à mão, onde relaxar depois do expediente, quando não durante. Ao Edifício São Borja, inspirador, em seus melhores tempos, de poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, restou volver a prédio como qualquer outro.

Em Belo Horizonte, onde o poeta viveu e farrou na juventude, há muito se

apagaram os traços de sua contemporânea Olímpia Vasques Garcia (nada a ver, vocês aí que perguntaram, com a Dona Olímpia de Ouro Preto, folclórica mas não libertina). E, ao que me dizem, já não existe a casa da Zezé, aonde, nos anos 1960, ia desaguar uma fartura de moços de família – recém-saídos, em brasa, de seus namoros de portão, nos quais, sob estreita vigilância paterna, tudo o que se podia ter de relações em geral se limitava ao verbo relar.

Na moralidade implacável daquela Idade Média mineira, havia dois tipos de moças: as que eram “pra casar”, e as demais, engaioladas numa desprezível (mas nem por isso pouco requisitada) categoria avícola, a das “galinhas”. Convinha não confundir. Ainda me diverte a desdita de um camarada da minha turma de bairro que, depois de nos entreter semanas a fio com relatos de seus avanços libidinosos, passou pelo constrangimento de se apaixonar pela “galinha” – com a qual, casado na igreja, veio a ter numerosa ninhada.

Visuais

Antonio Gonçalves Filho

Vilanova Artigas nunca camuflou seu desejo de discutir a função social da arquitetura, mas minimizou o débito que tinha tanto com a arquitetura de Frank Lloyd Wright como Le Corbusier. Na exposição em sua homenagem que será aberta nesta terça, 23, no Itaú Cultural, dois dos curadores, o arquiteto Álvaro Razuk e a neta de Artigas, Laura, mostram que coexistem na obra do arquiteto os dois lados: o apolíneo, representado pelo racionalismo de Le Corbusier – que marca a obra de Artigas entre 1944 e 1952 – e o dionisíaco, simbolizado por um belo conjunto de desenhos infantis e sensuais instalado no teto, livres para dialogar com o organicismo de Wright, o autor da famosa Casa da Cascata.

Um desses desenhos, um elefante vermelho, foi feito para a netinha Laura Artigas, então com 4 anos. Hoje ela retribui o carinho do avô com seu documentário *Vilanova Artigas: o Arquiteto e a Luz*, que dirigiu com Pedro Gorski e entra em cartaz nas salas do Espaço Itaú de Cinema na quinta-feira, dia 25. É um filme bastante revelador, em que a franqueza de Artigas comove. Há uma sequência, em particular, que mostra o desconforto do arquiteto ao se submeter a um concurso para professor titular na FAU, em 1984, forma de reasumir seu posto, tomado pelo AI-5 por intervenção do regime militar, que, em 1969, o afastou da faculdade, levando-o ao exílio no Uruguai. Comunista, não deixava que suas convicções políticas estivessem à frente da arquitetura como linguagem expressiva. Quando todos achavam que ele ficaria feliz pela nota dez conferida pela constrangida banca examinadora, diz, ferido, que o que tinham feito com ele era uma “moleçagem”, que isso jamais aconteceria na França com Foucault ou Barthes.

De fato, ser ao mesmo tempo uma referência arquitetônica e um homem submetido a uma prova para dar aulas era, no mínimo, humilhante. Professor de arquitetos como Paulo Mendes da Rocha e Ruy Ohtake, o



FOTOS DIVULGAÇÃO

Diálogo. A iluminação zenital no pátio da FAU/USP, projeto de Artigas (abaixo), faz com que a estrutura de concreto fique leve

Vilanova Artigas tem o apolíneo de Le Corbusier e o lado dionisíaco de Lloyd Wright

embate entre o concreto bruto da estrutura e a delicada luz que emana de suas lajes fez desse paradoxo a principal lição que aprenderam todos os arquitetos que trabalharam com ele – inclusive seu assistente Mendes da Rocha, que a utilizou ao restaurar a Pinacoteca do Estado. O que caracteriza a arquitetura do mestre é a entrada da luz como elemento regenerador de toda construção, neutralizando a carga pesada do concreto, seja na FAU ou na Rodoviária de Jaú.

No filme, Laura Artigas mostra que essa lição é assimilada

Entre razão e emoção

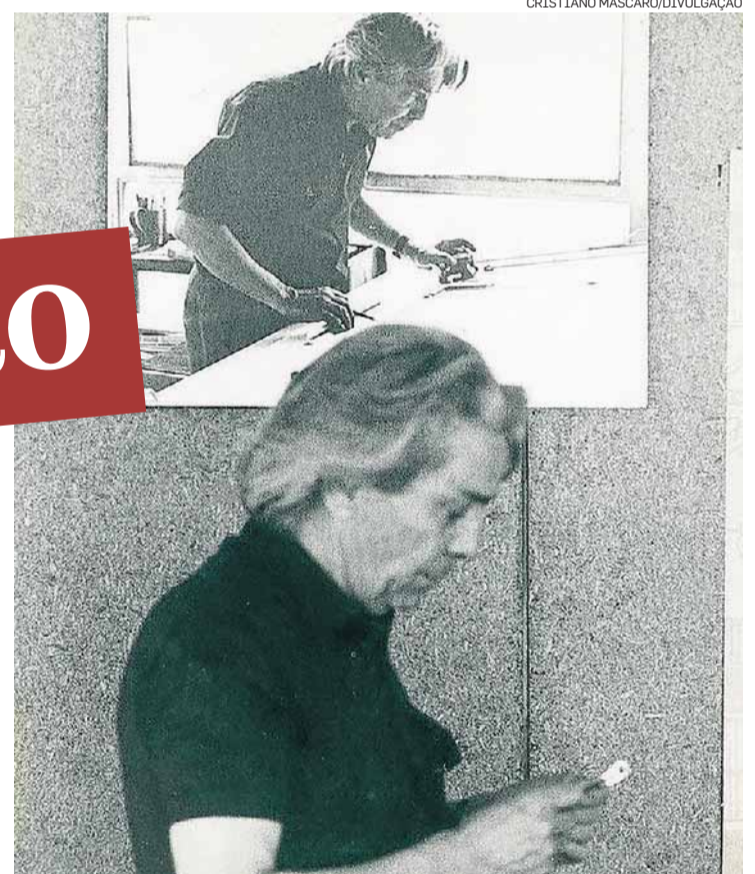
até hoje por discípulos mais jovens como Fábio Valentim, que, com propriedade, observa a redução dessa luminosidade em projetos posteriores ao exílio. As casas de Artigas, antes abertas para a luz do sol e sem fronteiras, como sua segunda residência (de 1949), vão se fechando à medida que o regime endurece e a amargura cresce.

Por essa arquitetura informalista, impossível de ser domesticada, Artigas é lembrado na exposição, dividida em três “capítulos”, segundo o curador Razuk: o arquiteto, o educador e o homem público. Descendente de italianos e uruguaios, Artigas nasceu em Curitiba, mas teve de mudar para São Paulo aos 17 anos para estudar engenharia na Politécnica. Bom dese-

nhista, juntou-se ao modernistas do grupo Santa Helena (Volpi, Bonadei, Zanini) aos 21 anos, chegando a expor com eles, antes de construir sua primeira casa e fundar com Rino Levi e outros a representação paulista do IAB, em 1944.

Um dos projetos mais ousados do arquiteto foi concebido em 1946, o edifício Louveira, na praça Vilaboim, em Higienópolis, que o fundador da Escola de Arte Dramática (EAD/USP) Alfredo Mesquita (1907-1986), proprietário do terreno, encomendou a Artigas. Salas e quartos voltados para o Norte, eles recebem a luz da manhã e permitem aos vizinhos visão ampla do que está se passando no apartamento em frente. A integração com a praça anexa e as cores fortes das janelas impressionam até hoje. Marco Artigas, neto do arquiteto, lembra que muitos filmes foram rodados no prédio tombado, entre eles *Ensaio Sobre a Cegueira*. A filha, historiadora Rosa Artigas, contribuiu com o livro *Vilanova Artigas* (Editora Terceiro Nome) que será lançado nesta quarta, 24, auxiliada por Marco, também arquiteto, que selecionou 43 dos 700 projetos do avô para a edição.

OCUPAÇÃO VILANOVA ARTIGAS Itaú Cultural. Av. Paulista, 149, 2168-1776. 3ª a 6ª, 9h/20h; sáb. e dom., 11h/20h. Abre hoje, 20h, para convidados. Grátis. Até 9/8.



CRISTIANO MASCARO/DIVULGAÇÃO

EVENTOS

● **Cinema**
25/6 – A partir dessa data, a exibição do documentário *Vilanova Artigas: O Arquiteto e a Luz*, de Laura Artigas, nas salas do Espaço Itaú de Cinema

● **Palestra**
1º/7 – o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que foi assistente de Artigas, fala sobre ele no Itaú Cultural, às 20h. Entrada franca

● **Livro**
1º/7 – Historiadora Rosa Artigas, filha do arquiteto, lança *Vilanova Artigas*, em que são analisados 43 dos seus 700 projetos, selecionados pelo arquiteto Marco Artigas, neto do homenageado

● **Infantil**
11/7 – lançamento do livro *A Mão Livre do Vovô*, às 14h30, com desenhos de Artigas para crianças



Pioneiro. Os dois blocos do Edifício Louveira, encomenda de Alfredo Mesquita para Artigas



Neta. Laura Artigas, autora de documentário sobre o avô